

SERMÃO EXPOSITIVO – SÁBADO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

EDUCADOS NA BABILÔNIA, SEM SER DA BABILÔNIA

Pelo Dr. Tito Goicochea M.

TEXTO BASE

Daniel 1:1-21 (Almeida Revista e Atualizada)

IDEIA CENTRAL

A Babilônia não tirou de Daniel a sua fé atacando-a, mas reeducando-a — e a única coisa que resistiu a esse programa foi uma convicção que Daniel havia decidido antes de a pressão chegar.

PROPOSIÇÃO

A educação cristã não é um muro que isola os nossos filhos do mundo; é uma raiz que os sustenta dentro dele. Por isso, apostar na educação adventista não é um gasto: é a decisão formativa mais importante que um pai toma pelo seu filho.

PROPÓSITO

Que cada família presente —crente ou não, adventista ou não— saia hoje com uma decisão tomada e com data a respeito de quem está formando os seus filhos.

I. INTRODUÇÃO

Quero começar com três dados. Não são opiniões minhas; são números de pesquisas que a nossa própria igreja encomendou, e peço que os escutem devagar, porque os três doem.

Primeiro dado. Desde 1965, mais de trinta e quatro milhões de pessoas se uniram à Igreja Adventista do Sétimo Dia no mundo. Desses trinta e quatro milhões, quase **catorze milhões já não estão**. A taxa de perda líquida é de aproximadamente quarenta por cento. Dito da maneira mais crua possível: **de cada dez pessoas que entram por aquela porta, quatro terminam saindo por ela**.

Segundo dado. Um estudo do Escritório de Estatística e Pesquisa da Associação Geral, realizado em nove divisões mundiais, comparou os que ficaram com os que foram embora. A descoberta foi esta: entre os que cursaram o ensino fundamental **unicamente em escolas adventistas**, permaneceu na igreja **84,5 %**. Entre os que cursaram o fundamental fora do sistema adventista, permaneceu **53,9 %**. A proporção de ex-membros foi **três vezes maior** no segundo grupo.

E o terceiro dado, que é o que me tira o sono. Esse mesmo estudo perguntou aos membros do mundo inteiro que nível de educação adventista haviam recebido. Mais da metade dos membros do planeta —**52,6 %**— respondeu que **nenhum**. E aqui na América do Sul o número é ainda pior: **60,3 % dos nossos membros nunca passaram por uma escola adventista**.

Seis em cada dez.

Agora, permitam-me fazer três perguntas, e peço que não me respondam em voz alta. Respondam a vocês mesmos, por dentro.

Primeira pergunta. Se você soubesse com certeza que existe uma decisão capaz de triplicar a probabilidade de o seu filho continuar sendo crente aos vinte e cinco anos... **quanto você estaria disposto a pagar por ela?**

Segunda pergunta. Você já está pagando pela educação do seu filho. Todos pagamos: com impostos, com mensalidade, com tempo, com transporte. **A pergunta não é se você vai pagar. A pergunta é o que você está comprando.**

E a terceira, que é a mais incômoda de todas: se o sistema que forma o seu filho oito horas por dia ensina uma coisa, e você ensina outra durante vinte minutos no culto familiar... **qual das duas você acha, honestamente, que vai vencer?**

Irmãos, e dou uma boas-vindas especial a quem hoje nos visita pela primeira vez: hoje celebramos o **Sábado da Educação Adventista**, e eu não venho fazer publicidade institucional. Venho ler com vocês um texto de vinte e seis séculos atrás que descreve, com uma exatidão quase incômoda, o que está acontecendo hoje com a geração que estamos criando.

E quero começar por uma cena que quase todos leem sem parar.

Quando as pessoas pensam no livro de Daniel, pensam na fornalha ardente. Pensam na cova dos leões. Pensam em cenas espetaculares em que um homem desafia um império e sai vivo. Mas confesso uma coisa: na minha opinião, **a cena mais perigosa de todo o livro não tem fogo, não tem leões e não tem sangue.**

Está no versículo 7 do primeiro capítulo:

«O chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel, o de Beltessazar; a Hananias, o de Sadraque; a Misael, o de Mesaque; e a Azarias, o de Abede-Nego.»

É só isso. Nenhuma ameaça. Nenhum golpe. Nenhuma proibição.

Quatro rapazes judeus —adolescentes, provavelmente de catorze a dezessete anos— deitaram-se numa noite chamando-se de uma maneira e amanhecera chamando-se de outra. Ninguém os torturou. Ninguém os proibiu de orar. Ninguém queimou as suas Escrituras. Ninguém lhes disse que o seu Deus era falso.

Simplesmente mudaram-lhes o nome.

E é assim, irmãos, que se perde uma geração no século XXI. Não com perseguição. **Com matrícula paga, bolsa integral, aplausos, oportunidades e uma silenciosa troca de vocabulário.**

Vamos abrir o manual de estratégia mais antigo que existe para assimilar os filhos de uma fé. Está escrito em Daniel 1, e é assombrosamente moderno.

II. DESENVOLVIMENTO DO TEMA

TÓPICO 1

O IMPÉRIO NÃO VENCEU: DEUS ENTREGOU

Texto bíblico: Daniel 1:1-2

«No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei da Babilônia, a Jerusalém e a sitiou. **O Senhor lhe entregou nas mãos** a Jeoaquim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da Casa de Deus; e ele os levou **para a terra de Sinear**, para a casa do seu deus, e os pôs na casa do tesouro do seu deus.»

PERGUNTA GERADORA

E se aquilo que a você parece a derrota da fé fosse, na verdade, uma decisão deliberada de Deus?

1.1. O verbo que reordena toda a história

Pense um momento. Se você fosse o cronista oficial de uma nação derrotada, como escreveria a primeira linha da sua crônica? O natural seria: «*Nabucodonosor venceu Jerusalém*». Foi o que aconteceu. Foi o que os olhos viram. É o que qualquer jornalista informaria.

Mas o narrador bíblico escreveu exatamente o contrário. Escreveu: «**O Senhor lhe entregou nas mãos**» — em hebraico, אֲדֹנָי יִתֵּן (*wayyittēn 'Adonāy*).

O sujeito do verbo não é o império. **O sujeito do verbo é Deus.**

E há um detalhe ainda mais fino que se perde na tradução. O narrador não usa aqui o nome pessoal da aliança —*Iahweh*, o Deus de Israel—, mas o título **Adonai**, «o Senhor soberano»: o Deus que governa sobre **todas** as nações, e não apenas sobre a sua. É como se dissesse: *não se confundam; o que vocês estão vendo não é a derrota de um deus local diante de um deus mais forte. É uma decisão de governo tomada acima dos dois impérios.*

Antes de contar uma única humilhação, o livro de Daniel já estabeleceu a sua tese central: **o que parece o triunfo do império é, na verdade, o governo de Deus.**

1.2. «Sinear»: o endereço bíblico do humanismo

E agora quero mostrar algo que está escondido no texto e que, depois de visto, não se pode mais deixar de ver.

Repare para onde o narrador diz que eles foram levados: «**para a terra de Sinear**».

Isso é estranho. Porque o nome corrente daquele território, no século VI antes de Cristo, era *Babilônia*. **Sinear era um arcaísmo**, uma palavra antiga, quase uma relíquia linguística. Seria como se um jornalista de hoje, falando de Nova York, escrevesse «Nova Amsterdã». Não é um erro de estilo: **é um sinal deliberado**.

E para onde aponta o sinal? Para o fato de que *Sinear* já havia aparecido antes na Bíblia, num lugar que todos conhecem:

«...acharam uma planície na terra de **Sinear***; e habitaram ali... Disseram mais: Eis que edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo tope chegue até aos céus **e tornemos célebre o nosso nome***.» (Gênesis 11:2-4)

O hebraico é ainda mais direto: «*e façamos para nós um nome*».

Sinear é a planície de Babel.

É o lugar onde, pela primeira vez na história humana, uma civilização inteira se organizou em torno de uma única convicção: *não precisamos de Deus para chegar ao céu. Podemos construir a escada nós mesmos. E faremos um nome para nós*.

Irmãos, o narrador está pendurando uma placa enorme sobre este capítulo. Está dizendo: **o que vocês vão ler aqui não é um episódio político do Antigo Oriente Próximo. É o projeto de Babel funcionando agora dentro de uma sala de aula.**

E o projeto de Babel tem um nome moderno: **humanismo secular**. A convicção de que o ser humano é a medida de todas as coisas, a sua própria autoridade e o seu próprio destino; que não há ninguém acima de nós a quem prestar contas; que o sentido da vida é algo que cada um fabrica.

Permitam-me dizer isto com muito cuidado, porque hoje nos acompanham pessoas de convicções diferentes e não quero que ninguém se sinta atacado. **Não estou dizendo que quem pensa assim seja má pessoa**. Conheço professores humanistas mais honestos, mais generosos e mais rigorosos do que muitos crentes. O que estou dizendo é outra coisa: que esse projeto —construir o sentido sem Deus— **não é novo, não é uma descoberta da modernidade, e já tem endereço na Bíblia**. Chama-se Sinear. E foi exatamente para lá que levaram Daniel.

E agora veja a ironia perfeita do texto, porque é de uma beleza literária extraordinária. Em Gênesis 11, os homens de Sinear dizem: «*façamos para nós um nome*». E em Daniel 1:7, a primeira coisa que a Babilônia faz com estes quatro rapazes é **dar-lhes um nome novo**.

Três mil anos depois: a mesma planície, o mesmo verbo, o mesmo projeto.

■ 1.3. Aplicação: as duas reações erradas

Daqui sai a primeira aplicação, e quero que seja bem prática.

Quando um pai crente entrega o seu filho a um sistema educacional que não conhece a Deus, ele tende a cair em uma de duas reações. **E as duas são erros.**

A primeira é o pânico: «o mundo está ganhando, é preciso trancá-lo, isolá-lo, protegê-lo de tudo». O versículo 2 desarma esse pânico de um golpe: *o Senhor entregou*. Deus não perdeu o controle da história no dia em que o seu filho se matriculou.

A segunda é a ingenuidade: «é só educação, são só matérias, é neutro; a escola ensina e a casa crê». E a palavra «Sinear» desarma essa ingenuidade. **Nada disso é neutro.**

Toda educação é formação. Toda formação transmite uma visão de mundo. E toda visão de mundo tem, no fundo, um deus — ainda que esse deus se chame «eu».

Não existe educação sem direção. Existe a educação que confessa para onde vai, e a educação que não confessa. Mas neutra não existe nenhuma.

E aqui está o argumento central deste Sábado da Educação, dito sem rodeios: **quando você escolhe uma escola adventista, não está acrescentando religião a uma educação neutra. Está escolhendo conscientemente uma direção, em vez de receber outra sem perceber.**

TÓPICO 2

O PROGRAMA DE REPROGRAMAÇÃO

Texto bíblico: Daniel 1:3-7

«Então, ordenou o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, da linhagem real e dos nobres, **jovens em quem não houvesse defeito algum***, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, sábios em entendimento... e que os ensinasse **as letras e a língua** dos caldeus. E o rei lhes determinou a porção diária **das finas iguarias do rei e do vinho que ele bebia***, e que assim fossem mantidos por **três anos***... O chefe dos eunucos **lhes pôs outros nomes***.»

PERGUNTA GERADORA

Como se transforma um crente em incrédulo sem jamais lhe pedir que renuncie à sua fé?

O que temos diante de nós é, literalmente, **um plano de estudos de três anos:** com processo de admissão, currículo, regime de internato e política de identidade. E quero que reparem desde já: **em nenhum dos seus quatro componentes aparece a palavra «religião».** Ninguém vai proibir

nada a eles. Esse é, precisamente, o ponto.

■ 2.1. Primeiro movimento: escolheram os melhores

Observe o critério de admissão: «*jovens em quem não houvesse defeito algum*».

A palavra hebraica é **מֵאוֹם**, (*me'ûm*), «defeito». E aqui há um detalhe que muda a cor de toda a passagem: **é a palavra técnica do livro de Levítico para designar o animal sem defeito, o único apto a ser oferecido em sacrifício (Levítico 22:20-21).**

O narrador está dizendo algo tremendo com uma única palavra, e diz sem sublinhar: **estes rapazes estão sendo colocados sobre o altar da Babilônia.** São uma oferta. O império os está sacrificando ao seu próprio projeto — e está fazendo isso com um sorriso e uma bolsa de estudos.

E observe quem o rei escolheu. Não os rebeldes. Não os medíocres. Não os que sobravam. **Escolheu os melhores.** Da linhagem real. Inteligentes, capazes, de boa aparência, com futuro.

Pais, permitam-me dizer com toda a clareza, porque este é um dos pontos que mais vejo ser ignorado: **a Babilônia não recruta os que sobram na igreja. Recruta os melhores filhos da igreja.**

Recruta quem dirige o canto. Quem tira as melhores notas. Quem tem talento, carisma e liderança. Aquele de quem você tem certeza de que jamais se afastaria.

E faz isso precisamente **porque são bons.** Um império não investe três anos de formação de elite em alguém que não vale a pena.

■ 2.2. Segundo movimento: mudaram o que liam

«*E que os ensinasse as letras e a língua dos caldeus*» — em hebraico, **כְּשָׁדִים וְלָשׁוֹן כַּפֵּר**, (*sēper welāšôn kaśdîm*).

É aqui que a maioria dos leitores modernos se engana, porque imagina um curso de idiomas: gramática acádica, escrita cuneiforme, história da Mesopotâmia. Conteúdos técnicos, neutros.

Não era isso.

A «literatura dos caldeus» era, no seu núcleo, **um corpus religioso.** Incluía tratados de astrologia, extensas coleções de presságios, manuais de adivinhação pelo fígado dos animais, encantamentos e listas de conjuros. E no centro de tudo estava o *Enuma Elish*, o poema babilônico da criação — em que o universo nasce do cadáver esquartejado de uma deusa vencida, e em que o ser humano é fabricado, literalmente, **para servir de escravo aos deuses e poupá-los do trabalho.**

Pare para pensar no que isso significa. **A estes adolescentes foi entregue uma cosmovisão completa** — uma explicação da origem do universo, do propósito da vida humana e do destino final — **apresentada como conhecimento científico de vanguarda.**

E aqui está o decisivo: **ninguém lhes disse «vamos converter você».** Ninguém os chamou a um templo. Disseram-lhes algo muito mais eficaz: «isto é conhecimento de primeiro nível, e você tem o

privilegio de recebê-lo».

Amigos: quando uma cosmovisão se apresenta como religião, a gente a avalia. **Quando se apresenta como ciência, a gente a absorve.**

Aplicação: E por isso a educação adventista não consiste em colocar uma aula de Bíblia ao lado das demais matérias. Consiste em ensinar **todas** as matérias sabendo quem é o Criador. A biologia, a história, a economia e a literatura também respondem perguntas de origem, propósito e destino — só que na maioria das salas de aula do mundo essas respostas vão implícitas e ninguém as discute.

■ 2.3. Terceiro movimento: mudaram o que comiam

«E o rei lhes determinou a porção diária das finas iguarias do rei». A palavra é **פתבג** (*patbag*), um empréstimo do persa que designa a ração da mesa real.

Para nós, comer é alimentar-se. Para o Antigo Oriente Próximo, comer da mesa do rei **era um ato de aliança**. Era declarar lealdade. Era aceitar patrocínio. Era ficar em dívida por toda a vida. E, no caso da Babilônia, aquela comida havia sido previamente apresentada aos ídolos como oferta.

A Babilônia jamais disse a Daniel: «renuncie ao seu Deus». Disse algo muito mais inteligente: «sente-se à minha mesa. Todos os dias. Durante três anos».

Ninguém assina uma renúncia. A gente simplesmente **se acostuma a comer da mão de alguém, até que um dia descobre que já não consegue contradizê-lo.**

■ 2.4. Quarto movimento: mudaram como os chamavam

E chegamos ao coração do capítulo. Olhe com cuidado o que significava cada nome:

Nome hebraico	O que significava	Nome novo	O que significava
Daniel	<i>Deus é o meu juiz</i>	Beltessazar	<i>Que Bel proteja a sua vida</i>
Hananiah	<i>O Senhor é misericordioso</i>	Sadraque	<i>Ordem de Aku* (deus lunar)</i>
Misael	<i>Quem é como Deus?</i>	Mesaque	<i>Quem é como Aku?</i>
Azarias	<i>O Senhor ajudou</i>	Abede-Nego	<i>Servo de Nego* (o deus Nabu)</i>

Viu? **Cada um dos quatro nomes hebraicos trazia Deus dentro de si** — todos contêm as partículas *El* ou *Iah*, as duas formas de nomear o Deus de Israel. **E cada um dos quatro nomes novos traz um ídolo dentro.**

Isso não foi um trâmite administrativo. **Foi catequese por repetição.**

Imagine. Todas as manhãs, durante três anos, um funcionário se aproximava do rapaz cujo nome significava «*Quem é como Deus?*» e o chamava: «*Quem é como Aku?*». Mil vezes por dia. Na aula. No refeitório. Nos corredores. Nos registros oficiais.

Ninguém discutiu teologia com Daniel. Simplesmente repetiram-lhe outra teologia, mil vezes por dia, até transformá-la no seu nome.

■ 2.5. Aplicação: o dicionário que se repete

Irmãos, reparem numa coisa: **eu não precisei modernizar nada.** Não forcei o texto. A única coisa que fiz foi lê-lo. O texto já disse tudo há vinte e seis séculos.

Porque é assim que funciona hoje, exatamente igual. Ninguém vai chegar no primeiro dia de aula e dizer ao seu filho: «*renuncie a Cristo*». Vão fazer com ele as mesmas quatro coisas, na mesma ordem.

Vão escolhê-lo por ser bom. Bolsas, oportunidades, reconhecimento, um lugar entre os melhores. E aqui quero dizer algo que aprendi acompanhando muitos jovens: **a pressão mais forte sobre um jovem crente quase nunca é o desprezo. É a aceitação.** Ao desprezo a gente resiste; à aceitação, a gente se entrega.

Vão entregar-lhe uma cosmovisão completa, apresentada como ciência. Que o ser humano é um acidente químico afortunado. Que a moral é uma construção cultural. Que a verdade depende de quem a olha. E isso não aparece no catálogo sob o título «visão alternativa de mundo»: aparece sob o título «**pensamento crítico**».

Vão sentá-lo à sua mesa. E o seu filho vai descobrir o que todos descobrimos mais cedo ou mais tarde: **é muito difícil criticar o rei quando o rei paga o jantar.**

E, sobretudo, vão mudar-lhe o nome. O pensamento da nossa época vive de **renomear aquilo que Deus já havia nomeado:**

- Deus o chamou de «*feito à minha imagem*»; há quem o renomeie «produto do acaso e dos seus impulsos».
- Deus o chamou de «*pecado*»; há quem o renomeie «a sua verdade».
- Deus o chamou de «*filho amado*»; o mundo o renomeia pelos seus seguidores, pelas suas notas, pelo seu corpo e pelo seu desempenho.

E repare no método: **não há argumento.** Ninguém se senta com o seu filho para demonstrar que Deus não existe. Simplesmente se usa outro dicionário. Todos os dias. Em cada série, em cada aula, em cada conversa, em cada vídeo de trinta segundos.

O relativismo não é uma filosofia que se argumenta. É um dicionário que se repete. E um dicionário repetido durante três anos seguidos ganha de um sermão ouvido uma vez por mês. **Ganha sempre.**

Mas antes que alguém se desanime, veja isto. (*Pausa.*)

O narrador mudou-lhes o nome no versículo 7... **e no versículo 8 volta a chamá-lo Daniel.** E no 9. E no 11. E no capítulo 2. E até o último capítulo do livro, quando um mensageiro vem diretamente

do trono de Deus, ele o chama:

«***Daniel***, homem muito amado.» (Daniel 10:11, 19)

A Babilônia trocou-lhe a etiqueta. Mas o céu nunca, nem uma única vez, deixou de chamá-lo pelo seu nome verdadeiro.

E isso, irmãos, é a primeira coisa que a educação adventista tem para oferecer a um jovem neste século: **não um escudo contra o mundo, mas a certeza de como Deus o chama.**

TÓPICO 3

A VACINA: UMA DECISÃO TOMADA ANTES

Texto bíblico: Daniel 1:8-16

«***Daniel, porém, resolveu** não contaminar-se com as finas iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; então, **pediu** ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não contaminar-se.» (v. 8)*

PERGUNTA GERADORA

Em que momento é realmente tomada a decisão que sustenta um jovem na hora da prova?

3.1. O que o hebraico diz literalmente

A nossa versão traduz «**resolveu**», e está bem. Mas o hebraico é mais físico, quase tátil: דָּנִיֵּאל וַיִּשֶׂם עַל־לִבּוֹ — «e pôs Daniel sobre o seu coração».

Pare no que o texto **não** diz.

Não diz que Daniel *reagiu*. Não diz que Daniel *resistiu a uma tentação*. Não diz que Daniel *criou coragem no último momento*. Diz que Daniel **colocou algo sobre o seu coração**: um ato deliberado, interior e, sobretudo, **anterior**.

E aqui está a vacina. Quero que a vejam com precisão quase médica, porque a comparação funciona até o último detalhe.

Uma vacina não funciona durante a doença. Funciona porque foi aplicada antes. Não é um remédio de emergência que se toma quando já se tem febre. É uma preparação prévia que treina o organismo, **em tempo de saúde**, para que no dia do ataque o corpo já saiba exatamente o que fazer — sem deliberar, sem duvidar, sem perder tempo.

É exatamente isso que aconteceu no versículo 8.

Daniel não decidiu o que fazer quando lhe puseram o prato diante. Quando lhe

puseram o prato diante, já estava decidido.

Por isso pôde responder em segundos o que a outro teria custado meses de angústia. **Não foi mais corajoso que os seus colegas de turma. Foi mais providente.**

E agora a pergunta que sustenta este sermão inteiro: **onde foi colocada essa convicção?**

Não foi na Babilônia. Quando Daniel chegou à Babilônia, já a trazia colocada. Puseram-na nele **em Jerusalém. Numa casa. Provavelmente antes dos catorze anos.** Alguém —um pai, uma mãe, um mestre, uma comunidade de fé— sentou-se com uma criança, no meio de um país que desabava, e lhe ensinou de quem ela era e como se chamava.

E essa é a tese do Sábado da Educação, dita numa frase: a educação cristã não é o que fazemos quando o filho já está em perigo. **É o que fizemos dez anos antes.**

Aplicação: E é aqui que os dados que li no começo deixam de ser estatística e se tornam pastorais. Por que a pesquisa mostra que **onze anos ou mais** de educação adventista se associam a proporções tão diferentes de permanência? Não por mágica. **Porque onze anos são onze anos de vacina.** São onze anos de alguém, todos os dias, colocar algo sobre o coração daquela criança antes de a pressão chegar.

O estudo de Minder, sobre filhos de famílias adventistas, encontrou um dado que resume todo este ponto: os jovens que **nunca** foram batizados haviam passado, em média, **2,4 anos** em escola adventista. Os que foram batizados haviam passado **8,1 anos**.

A diferença não foi o sermão. Foi o tempo.

■ 3.2. E agora uma surpresa: o que Daniel NÃO recusou

Aqui vem um detalhe que muda completamente o sermão, e que quase nunca se prega. Leia comigo com muito cuidado.

Daniel **aceitou** o idioma babilônico. **Aceitou** o currículo caldeu, com a sua astrologia e a sua mitologia. **Aceitou** —e isto é o mais assombroso— **o nome pagão, sem uma única palavra de protesto registrada.**

E traçou a linha... **na comida.**

Por que exatamente ali? Não parece arbitrário? Não teria sido mais lógico protestar contra o nome, que era teologicamente ofensivo, e ceder na dieta, que parece um detalhe menor?

A resposta é que **Daniel tinha discernimento, não reflexos.**

Ele sabia distinguir entre o que era **ferramenta** e o que era **culto**. O idioma é uma ferramenta: aprende-se e usa-se. A literatura pode ser estudada, analisada criticamente e até refutada — e é exatamente o que Daniel fará no capítulo 2, quando resolver um problema que todos os astrólogos do império não conseguiram resolver. O nome quem lhe deu foram outros; Daniel sabia perfeitamente como Deus o chamava.

Mas sentar-se à mesa do rei era outra coisa. Era comunhão. Era aliança. Era pertença. **Isso tocava a lealdade em si, e ali não havia negociação.**

Isso nos livra de dois erros gêmeos, e quero nomeá-los com franqueza porque vi os dois nas nossas famílias.

O primeiro erro é formar filhos que rejeitem tudo. Isso não é fidelidade; é medo disfarçado de princípio. E produz jovens incapazes de funcionar no mundo real. Lembremos o dado incômodo do texto: **Daniel formou-se, com honras, na universidade mais pagã da sua época.**

O segundo erro é formar filhos que aceitem tudo. Isso não é abertura mental; é dissolução. E produz jovens que aos vinte e cinco anos já não sabem no que creem nem por quê.

O que precisamos formar são filhos que saibam onde está a linha.

E aqui está a chave prática: **saber onde está a linha não se aprende com regras. Aprende-se com raiz.**

Um jovem que só tem regras vai se quebrar na primeira exceção que a vida lhe apresentar — e a vida sempre apresenta exceções que os pais não previram. Mas um jovem que tem raiz **saberá improvisar com fidelidade em situações completamente novas**, porque entendeu o princípio e não apenas a norma.

Essa é, exatamente, **a diferença entre doutrinar e educar.** E é também, diga-se de passagem, a razão pela qual uma boa escola adventista não é a que tem mais proibições, mas a que forma critério.

■ 3.3. Firmeza sem arrogância

Há outro detalhe no versículo 8 que não pode nos escapar, porque é uma lição de caráter para os nossos jovens.

Diz: *«então, pediu ao chefe dos eunucos»*. E no versículo 12: *«Peço-te que ponhas os teus servos à prova durante dez dias»*.

Daniel não fez uma cena. Não publicou um manifesto. Não acusou ninguém de persegui-lo. Não se ergueu em mártir. **Negociou com respeito e propôs um teste verificável, com prazo e critério de avaliação.**

E veja até onde chega a sua consideração: o funcionário lhe explica que, se os rapazes parecerem abatidos, **ele perderá a cabeça (v. 10)**. Daniel entende o problema do outro e **desenha uma alternativa que protege quem está à sua frente.**

Os nossos jovens precisam aprender isso, e ousar dizer que hoje precisam mais do que nunca: **a convicção cristã não precisa ser grosseira.** É possível ser absolutamente inflexível no conteúdo e absolutamente gentil na forma. Aliás, é a única combinação que convence alguém.

3.4. A ordem que importa

E então chega o versículo 9:

«Ora, Deus fez com que Daniel lograsse graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos.»

O versículo 8 é o que Daniel fez. O versículo 9 é o que Deus fez. **E a ordem não é casual.**

Deus não lhe abriu as portas *antes* de Daniel decidir, para facilitar-lhe a decisão. Abriu-as **depois, porque ele decidiu**. A providência se mobiliza atrás da fidelidade, não à frente dela.

Pais, mães: escutem isto, porque sei que a muitos tira o sono. **Vocês não podem garantir o resultado**. Não podem garantir que o filho permaneça. Ninguém pode.

Mas podem garantir a decisão prévia. Podem garantir que a convicção esteja colocada antes de o carro sair rumo à Babilônia.

E onde há uma decisão prévia, **Deus se encarrega do chefe dos eunucos**.

TÓPICO 4

O RESULTADO: DEZ VEZES MAIS DOUTOS

Texto bíblico: Daniel 1:17-21

«Ora, a esses quatro jovens **Deus deu** o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria; mas a Daniel deu inteligência em toda visão e sonhos... e os achou **dez vezes mais doutos** do que todos os magos e encantadores que havia em todo o seu reino.»

PERGUNTA GERADORA

A educação da fé produz mediocridade – ou é exatamente o contrário?

4.1. Deus não os fez ignorantes: fez deles excelentes

Leia o versículo 17 outra vez, devagar: «Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria».

A mesma cultura. A mesma sabedoria. O mesmíssimo currículo babilônico que pretendia absorvê-los.

Deus não os tirou do programa. Deus não lhes apagou a memória. Deus não lhes deu uma versão reduzida e segura do conhecimento. **Deus lhes entregou o conhecimento dominado — mas com discernimento.**

E aqui morre para sempre um dos preconceitos mais daninhos que existem contra a educação

religiosa: **a ideia de que a fé produz mediocridade.** A ideia de que um jovem crente tem de escolher entre ser fiel e ser competente.

Amigos que hoje nos visitam, quero dizer isto diretamente, porque é uma objeção legítima e merece uma resposta honesta: **uma escola confessional que produz alunos pior preparados traiu a sua própria razão de ser.**

A educação adventista não é educação encolhida. É educação completa. É a única que pode estudar o universo sabendo quem é o Criador. A única que ensina história sabendo para onde ela vai. A única que forma a mente sem destruir a alma. A única que pode dizer a um aluno, com fundamento, **por que a vida dele vale mais do que o seu desempenho.**

E é também, hoje, **o maior sistema educacional protestante do mundo:** em 31 de dezembro de 2024, mais de **10.400 instituições**, quase **124.000 professores** e mais de **2,4 milhões de estudantes** — a maioria dos quais **não** pertence à nossa igreja.

■ 4.2. O acréscimo que a Babilônia não podia dar

Mas o texto acrescenta algo: *«mas a Daniel deu inteligência em toda visão e sonhos».*

Os quatro receberam tudo o que a Babilônia podia ensinar. **Daniel recebeu, além disso, aquilo que a Babilônia jamais poderia lhe ensinar.**

E repare no que acontece depois: no capítulo seguinte, quando o rei ameaça executar todos os sábios do império, **o que salva a vida de todos —inclusive a dos próprios professores de Daniel— não é o seu histórico acadêmico. É exatamente aquilo que a escola da Babilônia não podia dar.**

Os nossos filhos precisam das duas coisas: **a excelência que o mundo reconhece e a sabedoria que o mundo não pode dar.**

Uma escola cristã que entrega apenas a primeira é uma escola comum com capela. Uma que entrega apenas a segunda é uma comunidade devota que falhou academicamente com os seus alunos. **Nenhuma das duas é o que Daniel 1 descreve.**

■ 4.3. A assinatura do narrador: o rapaz enterrou o império

E chegamos ao último versículo, que muitos leem como um dado administrativo e que na verdade é a assinatura do autor:

«Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro.» (v. 21)

Volte ao versículo 1. O capítulo **abre** no terceiro ano de Jeoaquim, com o rei da Babilônia entrando em cena. E **fecha** no primeiro ano de Ciro — ou seja, **com o império babilônico já caído**, conquistado pela Pérsia.

Pense no que isso significa.

Nabucodonosor tomou um adolescente estrangeiro com a intenção de transformá-lo em babilônio. Mudou-lhe o idioma, a literatura, a dieta e o nome. Investiu três anos e todos os recursos do Estado.

E o adolescente enterrou o império.

A Babilônia acabou. Os seus deuses acabaram. As suas escolas acabaram. Os seus astrólogos acabaram. **E o rapaz a quem Deus chamou de Daniel continuava de pé, servindo sob um império novo, com o mesmo nome e o mesmo Deus.**

Pais, professores, igreja: **eduquem para isso**. Não para que os seus filhos passem no semestre. Não para que consigam um bom emprego. **Eduquem para que sobrevivam ao império** — àquele que hoje parece invencível e que, como todos os anteriores, tem prazo de validade.

III. APELAÇÃO

Irmãos, quero falar agora com o coração na mão, e quero fazê-lo especialmente aos pais.

Voltemos ao dado com que começamos. **60,3 % dos membros adventistas da América do Sul nunca passaram por uma escola adventista.** Seis em cada dez.

Eu não creio que isso seja, na maioria dos casos, uma decisão deliberada. Creio que é algo muito mais humano e muito mais triste: **é uma decisão que nunca foi tomada.**

É a matrícula que ficou para depois. É o «ano que vem sim». É «quando a situação melhorar». É «afinal, a escola do bairro fica mais perto». **É o formulário que ficou pela metade em cima da mesa da cozinha.**

E um dia a criança tem dezessete anos, e já não há anos para administrar.

Pai, mãe: eu não vou dizer que a escola adventista é perfeita. **Não é.** Tem professores cansados, orçamentos apertados e prédios que precisam de pintura. E você provavelmente conhece alguém que estudou lá e hoje não está na igreja — **porque nenhuma instituição garante o coração de ninguém.**

Mas vou dizer isto: quando Nabucodonosor quis se apoderar do futuro de uma nação, não atacou o exército dela. **Foi atrás dos seus adolescentes, e construiu uma escola para eles.**

A Babilônia entendeu, há vinte e seis séculos, algo que às vezes a igreja ainda não entendeu: **quem tem a sala de aula, tem o futuro.**

E deixe-me dizer algo a quem está pensando no dinheiro, porque sei que muitos estão pensando e é legítimo. Você **já está pagando** pela educação do seu filho. Todos pagamos. A pergunta nunca foi se você ia pagar: **a pergunta é o que você está comprando, e quem vai dar o nome ao seu**

filho.

E se o dinheiro é realmente o obstáculo —se você quisesse e não pudesse— então quero que saiba que esta igreja tem o dever de ajudá-lo, e que há irmãos aqui sentados que podem e devem fazê-lo. **Ninguém deveria ficar fora da sala de aula por falta de recursos enquanto há recursos na congregação.**

Aos jovens quero dizer outra coisa. Daniel tinha a sua idade. Não tinha os pais por perto. Não tinha a sua igreja. Não tinha o templo, que estava em ruínas. **Tinha uma única coisa: uma decisão que havia tomado antes.**

E aos professores que hoje estão aqui: vocês escolheram ganhar menos para formar melhor. **Vocês não estão dando aulas. Estão colocando coisas sobre corações que vão durar mais do que o império.**

«No mais alto sentido, a obra da educação e a obra da redenção são uma.» — Ellen G. White, *Educação*, p. 30

IV. APELO

Volto ao versículo que sustenta o capítulo inteiro:

«Daniel, porém, resolveu...» — pôs sobre o seu coração.

Antes. Com antecedência. Em tempo de paz.

Hoje eu não quero que saíamos daqui apenas comovidos. **Quero que saíamos decididos.** E por isso quero propor quatro decisões concretas. Que cada um tome a que lhe corresponde.

Primeira decisão — aos jovens.

Há decisões que você já não vai conseguir tomar quando o momento chegar. Quando estiver naquela festa. Quando estiver sozinho com o celular às duas da manhã. Quando o professor ridicularizar diante da turma inteira aquilo que você crê. Quando o relacionamento lhe pedir para ceder algo que você não queria ceder. **Aquele não será o momento de decidir. Será o momento de descobrir o que você havia decidido.**

O meu apelo é que hoje, aqui, **você coloque isso sobre o seu coração — antes.** Se você quer tomar essa decisão, quero que fique de pé.

Segunda decisão — aos pais e mães.

O meu apelo não é que se emocionem. É que **decidam hoje onde o seu filho vai estudar no ano que vem** — e que decidam com data. Não «vou pensar»: **esta semana.** Se o seu filho já está numa

escola adventista, a decisão é sustentá-lo ali. Se não está, a decisão é descobrir esta semana o que seria necessário para que estivesse.

E se você não é membro desta igreja, escute bem: **as nossas escolas estão abertas para o seu filho, e não vamos pedir que ele mude de religião para entrar.** Vamos pedir outra coisa: **permissão para formá-lo por inteiro.**

Terceira decisão — aos que já não têm filhos em idade escolar.

Você pode pensar que esta mensagem não é para você. É sim. Cada criança que hoje está numa sala de aula adventista está lá porque alguém a sustenta, alguém ora por ela, alguém financia uma bolsa que ninguém assina com o próprio nome. **O meu apelo é que hoje você decida apadrinhar um estudante** — com oração, com recursos, ou com as duas coisas.

Quarta decisão — aos professores, e aos jovens que poderiam ser.

Aos educadores: lembrem-se do que estão realmente fazendo. E aos jovens: se Deus está falando com vocês hoje sobre dedicar a vida a ensinar, **não adiem. Vocês fazem falta.**

E termino onde comecei.

Mudaram o nome de um rapaz. Mudaram-lhe o idioma, a comida e os livros. Mudaram-lhe o país. Mudaram tudo o que se pode mudar numa pessoa a partir de fora.

Mas setenta anos depois, quando o império que o sequestrou já era pó e ruínas, um mensageiro do céu se aproximou de um ancião à beira de um rio e lhe disse:

«**Daniel, homem muito amado.**»

O mundo pode trocar a sua etiqueta. **Só Deus dá o nome.**

E a pergunta com que quero que saíamos hoje não é quanto o seu filho vai aprender, nem em que universidade vai terminar, nem quanto vai ganhar.

A pergunta é: quem vai ensinar a ele como ele se chama?

Oremos.

NOTAS PARA O PREGADOR

Sobre os dados da introdução. Todos os números provêm de *Joining and Remaining: A Look at the Data on the Role of Adventist Education*, de John Wesley Taylor V, Departamento de Educação da Associação Geral, que reúne sete estudos de três décadas (Valuegenesis, Youth Retention Study, Epperson, Rice, Minder, Center for Creative Ministry e o estudo «Leaving the Church» do ASTR). Os números do sistema educacional são do Departamento de Educação da AG em 31 de dezembro de 2024. **Verifique se há atualizações antes de pregar, e não cite de memória: leia os números.** Um dado mal citado no púlpito destrói a credibilidade do sermão inteiro.

Sobre o dado dos 60,3 %. Corresponde à Divisão Sul-Americana no estudo do ASTR (2014). Se pregar em outra divisão, substitua pelo percentual correspondente: DIA 66,0 %; DNA 29,0 %; DSA 60,3 %; DIS 76,0 %; DSP 48,4 %; DAS 55,9 %; DTE 47,5 %; DAO 65,5 %; DEC 52,2 %.

Sobre as três perguntas da introdução. Foram desenhadas para produzir conflito cognitivo, não culpa. Peça explicitamente ao auditório que não responda em voz alta: a pergunta trabalha melhor em silêncio. Faça uma pausa real de três segundos depois de cada uma.

Sobre o público misto. Os trechos escritos deliberadamente para visitantes são: a saudação da introdução, o esclarecimento sobre o humanismo em 1.2, a resposta à objeção da mediocridade em 4.1 e o convite explícito do apelo. Se o auditório for inteiramente adventista podem ser abreviados, mas **consERVE o esclarecimento de 1.2:** protege o sermão de soar beligerante.

Advertência pastoral sobre o tópico 2. A seção da troca de nomes pode deslizar para um tom de guerra cultural. Mantenha o registro pastoral e descritivo: **o adversário não são as pessoas que usam esse dicionário, mas o dicionário.** Feche sempre essa seção com a nota positiva («o céu nunca deixou de chamá-lo Daniel»), que é a que deixa esperança.

Sobre a apelação. O parágrafo «não é uma decisão deliberada, é uma decisão que nunca foi tomada» é o coração emocional do sermão. Diminua a velocidade. No auditório haverá pais que reconhecerão exatamente aquele formulário pela metade.

Sobre a honestidade do argumento. O parágrafo que admite que a escola adventista não é perfeita e que há ex-alunos que se afastaram **não enfraquece o sermão: fortalece-o.** Um auditório moderno detecta a propaganda no instante. Reconhecer o limite antes que eles pensem nisso lhe dá autoridade para o resto.

Ilustração opcional. O princípio imunológico real reforça a exegese: uma vacina é aplicada em saúde, não em doença, e treina o organismo apresentando-lhe uma versão controlada da ameaça. Aplicado à educação: **a escola cristã não esconde o erro, apresenta-o com anticorpos.** Um filho que nunca ouviu uma objeção à fé em casa vai ouvi-la pela primeira vez da boca de alguém que quer destruí-la.

Nota técnica. Daniel 1:1 diz «terceiro ano de Jeoaquim» e Jeremias 25:1 diz «quarto ano». Não é

contradição: Daniel emprega o cômputo babilônico de ano de ascensão e Jeremias o cômputo judaico. Útil caso alguém pergunte; desnecessária no púlpito.

Duração estimada: 42 a 46 minutos lido completo. Para 32 minutos: abreviar 4.2 e 4.3 e reduzir a introdução a dois dados. **Não corte a apelação nem o apelo.**